

# Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais  
e práticas educativas



Joaquim dos Santos  
Jessica Correia Duarte Nuvens  
Antônio Carlos Dias de Oliveira  
(Organizadores)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais  
e práticas educativas



Joaquim dos Santos  
Jessica Correia Duarte Nuvens  
Antônio Carlos Dias de Oliveira  
(Organizadores)

**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Joaquim dos Santos  
Jéssica Correia Duarte Nuvens  
Antonio Carlos Dias de Oliveira

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas / Organizadores Joaquim dos Santos, Jéssica Correia Duarte Nuvens, Antonio Carlos Dias de Oliveira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-772-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.724211412>

1. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Nuvens, Jéssica Correia Duarte (Organizadora). III. Oliveira, Antonio Carlos Dias de (Organizador). IV. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Este e-book é resultado das pesquisas produzidas por diferentes estudiosos, de várias áreas do conhecimento e de diversas regiões do Brasil. Com a mesma relevância, o livro conta com capítulos assinados por investigadores estrangeiros, cujas análises são significativas para o rompimento de fronteiras espaciais e culturais a respeito do tripé que sustenta esta obra, pois as relações dialógicas entre diferentes saberes e sujeitos produtores de conhecimento científico são essenciais para o fortalecimento do debate e sua apropriação política, cultural, social, a fim de promover transformações sociais.

Os textos reunidos trazem à baila a compreensão do debate indissociável entre gênero, raça, classe e sexualidade. Esses marcadores sociais da diferença são postos estando imersos na(s) cultura(s), em seu amplo sentido: como modos de ser e viver o mundo. Como um mosaico constituído e marcado pelas diferenças, o livro agrega trabalhos de História, Educação, Direito, Psicologia, Economia, Linguística, Educação Física e Enfermagem. Isso reforça o caráter interdisciplinar e transdisciplinar desse debate.

Nessa trilha, há pesquisas sobre as desigualdades de gênero nas teorias de justiça; (in)visibilidade de gênero nos planos municipais de educação; sexualidades na pré-adolescência; construção das masculinidades e sofrimento psíquico; escritas de si de um professor negro; trajetórias de vidas de pais adolescentes; violência contra as mulheres e os mecanismos contra homens violentos; violência doméstica; gênero e políticas públicas de saúde; crime de importunação sexual; feminicídio e construção de santidade feminina; bonecas negras e processos de empoderamento; relações de gênero no mercado de trabalho; e transexualidade e esporte.

Desejamos que esses escritos sejam lidos e apropriados nos diferentes processos de lutas políticas, econômicas, sociais e culturais. Com a mesma relevância, almejamos que eles sejam pontes de comunicação para a formação de consciência crítica no tocante à equidade de gênero na contemporaneidade, bem como concernente ao enfrentamento das diversas formas de violências vividas por sujeitos considerados integrantes das “minorias” sociais.

Joaquim dos Santos  
Jéssica Correia Duarte Nuvens  
Antonio Carlos Dias de Oliveira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA E SUA EXCLUSÃO DO CONTRATO SOCIAL: AS DESIGUALDADES DE GÊNERO COMO OBJETO DAS MODERNAS TEORIAS DE JUSTIÇA

Katarina Karol Brazil de Melo Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114121>

### **CAPÍTULO 2..... 15**

O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL E A POPULARIZAÇÃO DAS TEORIAS FEMINISTAS

Júlia Salles Correia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114122>

### **CAPÍTULO 3..... 26**

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO PROBLEMA PÚBLICO: UMA ABORDAGEM PARA CONSTRUIR UM PROBLEMA, A GERAÇÃO DE UM MARCO JURÍDICO DE AÇÃO E INTERVENÇÃO COM HOMENS VIOLENTOS NO MÉXICO

Felipe Eduardo Reyes Pérez Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114123>

### **CAPÍTULO 4..... 42**

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CONSTRUÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE DA MULHER NO BRASIL E NO MUNDO

Aline Eggers

Roberto Vinícius Silva Saraiva

Evania Romanosky

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114124>

### **CAPÍTULO 5..... 53**

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A INTERFACE COM A RELAÇÃO DE GÊNERO E A GERAÇÃO

Sandra Natalie Silva

João Diógenes Ferreira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114125>

### **CAPÍTULO 6..... 64**

‘REPRESENTAÇÕES NEGRAS IMPORTAM’: BONECAS DE MODA E AS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS

Janaíne dos Santos Rolim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114126>

### **CAPÍTULO 7..... 78**

MARTÍRIO, CASTIDADE E FEMINICÍDIO NO CEARÁ: O CASO DE BENIGNA CARDOSO

Jéssica Correia Duarte Nuvens

Joaquim dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114127>

**CAPÍTULO 8..... 90**

“VOCÊ TEM O DIREITO DE PERMANECER CALADO (A)”: A (IN)VISIBILIDADE DE GÊNERO NOS PLANOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO ALAGOANO

Amanda Monteiro Melo  
Micheline Marques Alves  
Fernanda Braga Peixoto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114128>

**CAPÍTULO 9..... 103**

ESCRITOS AUTOBIÁGRICOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM PROFESSOR AFRODESCENDENTE

Cláudio José Araújo Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114129>

**CAPÍTULO 10..... 116**

O QUE É SER HOMEM? UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES

Diary Igor Panta Marques  
Marcus Cezar de Borba Belmino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141210>

**CAPÍTULO 11..... 132**

CUANDO EL EMBARAZO OCURRE EN LA ADOLESCENCIA – UNA VISIÓN DESDE LOS ADOLESCENTES VARONES

Ana Laura Cafaro Mango

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141211>

**CAPÍTULO 12..... 143**

SEXUALIDADE NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Nolasco Marcela

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141212>

**CAPÍTULO 13..... 154**

O LUGAR DO TRANSGÊNERO NO OCTÓGONO: GAME FACE

Aline Aparecida de Souza Ribeiro  
Natália Rodrigues Reis  
Priscila Gonçalves Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141213>

**CAPÍTULO 14..... 164**

IGUALDADE DE GÊNERO NA PARTICIPAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DE SANTARÉM: A ÓTICA DAS ADMISSÕES

Lorena de Sousa Marques  
Tarcísio da Costa Lobato

Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos  
Andréa Simone Rente Leão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141214>

|                                     |            |
|-------------------------------------|------------|
| <b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b> | <b>177</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>        | <b>179</b> |

## IGUALDADE DE GÊNERO NA PARTICIPAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DE SANTARÉM: A ÓTICA DAS ADMISSÕES

Data de aceite: 01/12/2021

Data de submissão: 08/10/2021

### Lorena de Sousa Marques

Universidade Federal do Oeste do Pará -  
UFOPA  
Santarém – PA  
lattes.cnpq.br/5952659480317475

### Tarcísio da Costa Lobato

Universidade Federal do Oeste do Pará -  
UFOPA  
Santarém – PA  
lattes.cnpq.br/2955106962736164

### Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos

Universidade Federal do Oeste do Pará -  
UFOPA  
Santarém – PA  
lattes.cnpq.br/4025900357442263

### Andréa Simone Rente Leão

Universidade Federal do Oeste do Pará -  
UFOPA  
Santarém – PA  
lattes.cnpq.br/0144308057484099

**RESUMO:** O mercado de trabalho passou por mudanças ao longo dos anos, ressignificando o papel da mulher e trazendo novas óticas ao processo produtivo. Este trabalho investiga a possível convergência para a igualdade de gênero nas admissões do mercado de trabalho formal santareno. Com dados extraídos do CAGED no período de 2004 a 2019, utilizou-se

o modelo autoregressivo integrado de médias móveis – ARIMA. Estimou-se, em média, que no ano de 2037 haverá igualdade nas admissões no município.

**PALAVRAS-CHAVE:** Santarém; Arima; Igualdade de gênero; Trabalho formal.

### GENDER EQUALITY IN THE PARTICIPATION OF THE FORMAL LABOR MARKET IN SANTARÉM: THE PERSPECTIVE OF ADMISSIONS

**ABSTRACT:** The labor market has gone through changes over the years, resignifying the role of women and bringing new perspectives to the production process. This paper investigates the possible convergence towards gender equality in admissions to the formal labor market in Santa Catarina. With data extracted from CAGED from 2004 to 2019, the integrated autoregressive model of moving averages – ARIMA was used. It was estimated, on average, that in 2037 there will be equality in admissions in the municipality.

**KEYWORDS:** Santarém; Arima; Gender equality; Formal work.

## 1 | INTRODUÇÃO

As rápidas e significativas transformações nas relações de trabalho existentes no mundo desencadearam novas óticas na compreensão do desenvolvimento produtivo. Essas transformações ocorreram não somente no âmbito das técnicas de produção e na introdução de novas tecnologias, ocorreram também na estrutura da mão de obra ocupada,

destas mudanças, destaca-se a ampliação da utilização da força de trabalho feminina (MEDEIROS *et al.*, 2020).

O crescimento econômico permitiu às mulheres dar continuidade ao processo de consolidação de sua participação na atividade econômica, melhorando o perfil qualitativo de sua absorção (LEONE, 2018). Porém, ainda que a participação da mulher no mercado de trabalho tenha de fato aumentado, ainda existe um persistente e relevante diferencial entre as taxas de participação de mulheres e homens (COSTA, 2007).

É importante então, introduzir conceitos da Economia Feminista, onde a crítica pela não incorporação da mulher no mercado de trabalho e pela desigualdade de gênero na sociedade em geral tomou força. Apesar de não ser possível explicar com exatidão o surgimento do pensamento feminista pelo fato de não existir registros no início da periodização das épocas históricas da humanidade, é possível, por outro lado, pontuar acontecimentos históricos que desenharam a luta da mulher em busca de igualdade de gênero e de oportunidades no mercado de trabalho, para que se chegasse ao escopo do movimento da atualidade.

Nesse sentido, destacam-se De Christine de Pisan durante o Renascimento, com sua crítica a misoginia presente em sua época predominantemente machista, passando por Marie Gouze no ápice da Revolução Francesa, com sua reivindicação política propondo a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, à Simone de Beauvoir, em uma luta mais aberta para evidenciar a condição feminina na sociedade (GRUBBA E MONTEIRO, 2017).

A luta destas mulheres por visibilidade produziu indiretamente a introdução do gênero como categoria analítica na economia, que traz uma visão que a economia tradicional não possuía e evidencia um importante ponto negligenciado nas relações de trabalho, enfatizado por Fernandez (2018) que a economia tradicional não contempla em seu objeto de estudo a perspectiva de gênero, vale dizer, a possibilidade de que, no espaço econômico, o tratamento dado a homens e mulheres possa ser diferente (e no caso, discriminatório para com as mulheres) como consequência dos distintos papéis sociais que historicamente tem desempenhado. Tampouco aborda a produção doméstica, há tempos predominantemente feminina e a troca de valores de uso.

Nesse contexto, alguns estudos na literatura visam determinar quais fatores podem estar relacionados com a inserção e/ou crescimento a participação feminina no mercado de trabalho, em que analisam o nível educacional das mulheres, a situação conjugal das mesmas, bem como o contexto familiar em que a mulher está inserida, presença de filhos, dentre outros fatores (SOARES; IZAKI, 2002; RAMOS, ÁGUAS; FURTADO, 2011; CUNHA; VASCONCELOS, 2016; BARBOSA; COSTA, 2017; LEONE, 2018; MEDEIROS *et al.*, 2020).

Tendo como inspiração a luta das mulheres em busca de um lugar no mercado de trabalho como uma possível via de encontro à sua independência e liberdade, busca-se, portanto, aplicar um modelo de séries temporais que estime o ano em que os dados irão convergir para que a diferença de admissões de homens e mulheres seja igual à zero, ou

seja, que exista igualdade de gênero nas admissões do mercado de trabalho formal do município de Santarém.

## 2 | REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Economia Feminista

O pensamento feminista enquanto vertente teórica provém diferentes frentes políticas, diversidade que promove metodologias distintas, porém, a despeito da pluralidade de raízes teóricas, existe um denominador comum que permite a visualização da economia feminista como um todo, que é a introdução do gênero como uma das variáveis para ser utilizada como categoria analítica na economia (FERNANDEZ, 2018).

A introdução do gênero como categoria analítica na economia traz uma visão que a economia tradicional não possuía, onde nesta se considerava apenas bens e serviços aos quais foi atribuído um preço devido às relações/transações de mercado, portanto, como consequência, negligenciando um ponto importante nas relações de trabalho. Este ponto é enfatizado por Fernandez (2018):

A economia tradicional não contempla em seu objeto de estudo a perspectiva de gênero, vale dizer, a possibilidade de que, no espaço econômico, o tratamento dado a homens e mulheres possa ser diferente (e, no caso, discriminatório para com as mulheres) como consequência dos distintos papéis sociais que historicamente têm desempenhado. Tampouco aborda a produção doméstica e a troca de valores de uso. (FERNANDEZ, 2018, p 560).

A Economia Feminista põe em evidência e faz crítica a não incorporação das mulheres e o trabalho feminino na economia. A retórica é importante visto que a desigualdade entre gêneros no mercado de trabalho acaba por dificultar o desenvolvimento de um país como um todo, pois, ainda que as desigualdades apresentem impactos negativos principalmente na população feminina, os custos implicados se refletem nos dados de produção, consumo e investimentos do país (KON, 2013).

A autora supracitada mostra através da observação da realidade, o meio pelo qual se tem a base das transformações teóricas e como as relações de gênero impactam grandemente a segmentação do mercado de trabalho. Entende-se aqui então o ponto principal da Economia Feminista, onde é necessário a atualização ou modernização das questões referentes a oferta e procura, desemprego, precarização, hierarquização e segmentação, e principalmente o abandono da concepção patriarcal de que a mulher é uma força de trabalho secundária, para que esta seja inclusa no mercado de trabalho de forma igualitária.

### 2.2 O contexto Brasileiro

Trazendo para o contexto brasileiro, registra-se como a primeira destas tendências,

durante a década de 40, o movimento sufragista, que teve como principal ativista Bertha Lutz. Este período é considerado um momento de caráter conservador do feminismo, onde ainda não havia o questionamento da opressão sofrida pelas mulheres neste país (ALVES E PITANGUY, 2007).

Durante o decorrer dos anos 50, com o fim da Segunda Guerra Mundial, assistiu-se a ascensão da classe média. A população brasileira viu o país crescer e se desenvolver, o crescimento da urbanização e industrialização trouxeram inerente aos seus escopos o aumento das possibilidades de educação, profissionalização e oportunidades de emprego para ambos os sexos. Nesta época, a maioria dos discursos políticos eram marcados principalmente por ideais que fomentavam o sentimento de democracia e participação popular. Este foi um período na história do Brasil em que a vida familiar sofreu certas modificações, percebeu-se a diminuição nas diferenças entre homens e mulheres, porém, as distinções dos papéis realizados entre ambos os sexos permaneceram bastante evidentes, e ainda que o trabalho da mulher passasse a ser mais comum, continuava sendo visto pela maioria da sociedade como secundário, já que neste momento a figura do homem ainda estava na posição de chefe da casa (ROCHA E KESKE, 2018).

Durante os anos 70, o movimento de mulheres que se apresenta acaba por romper com uma tradição em que as mulheres se manifestavam publicamente majoritariamente em favor dos valores tradicionais e conservadores, como ocorrido com a Marca da Família com Deus e a Propriedade, que precedeu o Golpe Militar, na maioria das vezes persuadidas por seus cônjuges. Este movimento trouxe uma mudança, uma versão reinventada da mulher brasileira, esta que vai as ruas na busca e defesa de seus direitos e necessidades, esta que realiza manifestações notáveis em denúncia das desigualdades existentes para com seu gênero (SOARES, 1994).

Neste ponto, torna-se importante elucidar que as regras autoritárias da época impostas pelos militares, que tinham a intenção de despolitizar os cidadãos e restringir seus direitos, terminaram por dar voz à mobilização das mulheres que geralmente eram marginalizadas em todos os âmbitos, principalmente no âmbito político.

### **2.3 A mulher e o mercado de trabalho**

Santos e Alves (2016) consideram que a mulher sempre esteve presente em todo o processo evolutivo tanto social quanto econômico, mesmo que por muito tempo considerada apenas como coadjuvante, não constava ou passava despercebida nos registros oficiais. Engajou-se na luta pela educação, direito a voto, independência, melhorias no que se referiam a condições de trabalho tanto para homens quanto para as próprias mulheres e também nas demais reivindicações de melhorias para a sociedade em geral.

O marco histórico que desencadeou uma nova perspectiva em relação ao papel representado pela mulher na sociedade, conforme afirma Hobsbawn (2004), foi exatamente a Revolução Francesa, ocorrida no ano de 1789. Em suas considerações, afirma ser a

partir desse fato que as mulheres começaram a atuação na sociedade de maneira mais incisiva, com mais importância.

Dentre as inúmeras mudanças ocorridas desde então, pode-se destacar questões referentes a exploração da sua força de trabalho bem como a limitação dos seus direitos, este último que marcou de forma mais precisa, a atuação da mulher na busca das melhorias de condições de trabalho e vida, a partir do começo da atuação política, fim da prostituição, a busca por instrução e a procura da igualdade de direitos entre os sexos.

De acordo com Souza e Santos (2014), foi durante o século XVIII/XIX, por meio da solidificação do capitalismo, que diversas transformações puderam acontecer na produção, nas organizações e no trabalho feminino. Com o crescimento industrial, fora proporcionado as mulheres a possibilidade de adquirirem novas tarefas, que anteriormente seriam realizadas apenas pelos homens. Por meio do desenvolvimento de novas tecnologias e aumento das melhorias em maquinários, a mão de obra feminina começou a se tornar importante pelo fato de ser um trabalho eficiente e principalmente de baixo custo, e isto trouxe então a disputa entre trabalho dos homens e mulheres. Vale ressaltar que ainda em tempos de desenvolvimento do capitalismo, permaneciam os preconceitos patriarcais. Mulheres ficavam em casa ou eram encaminhadas a “profissões femininas”, as que eram consideradas como funções que priorizavam sua tendência “natural”, basicamente reduzida a cuidar de outras pessoas (BRANDT, 1995).

Muitas vezes influencia na escolha ou não para um determinado emprego, a idade e a situação conjugal em que a mulher se encontra (COSTA, 2007). Em estudos onde se observa a inserção da mulher e do homem no mercado de trabalho, é possível perceber que o papel feminino e masculino foi sempre bem definido no que diz respeito ao arranjo doméstico, onde a função do homem era primordialmente trabalhar e garantir o provento de sua família e a mulher tinha por obrigação cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, e por consequência, se dedicava menos aos serviços profissionais (MATOS & MACHADO, 2006).

É somente a partir da década de 1960 que mudanças mais significativas no mercado de trabalho brasileiro começam a aparecer. Nesta década, o país ainda era predominantemente rural, a economia brasileira era sustentada por alicerces que foram consolidados pela produção agrícola. A expansão industrial trouxe a mecanização do campo e com ela, o êxodo rural, onde a força de trabalho do campo deslocou-se para os grandes centros urbanos (CADERNOS, 2017).

Considera-se que hoje, no mundo contemporâneo, as profissões que eram rotuladas como apenas para pessoas do sexo masculino, contam também com a presença feminina. Funções de liderança e gestão são exemplos da participação da mulher no mercado (SANTOS; ALVES, 2016).

### 3 | MATERIAL E MÉTODOS

Os dados utilizados para verificar a evolução da participação da mulher no mercado de trabalho de Santarém foram Admissões e Desligamentos, capturados no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), visto que os dados são capazes de mostrar a inserção da mulher no mercado através dos números referentes às admissões. Os dados são alusivos aos anos de 2004 a 2019, período máximo em que há informações para todas as variáveis utilizadas nesta pesquisa.

Neste estudo, a variável sexo desconsidera, por falta de informações na plataforma do CAGED, a identificação de gênero dos indivíduos, portanto, se refere apenas ao sexo masculino e feminino para caracterizar o gênero nos dados.

Para que seja possível estimar a convergência para a igualdade de gênero nas admissões no mercado de trabalho formal santareno, será aplicada a análise de modelos de séries temporais, sendo possível identificar padrões não aleatórios, que, ao examinar estes e os demais comportamentos da série, nos permite realizar previsões a fim de orientar tomadas de decisões.

É válido compreender a definição de uma série temporal e qual a finalidade em utilizá-la nesse estudo, desta maneira, uma série temporal, também denominada série histórica, é uma sequência de dados obtidos em intervalos regulares de tempo durante um período específico, que podem ser apresentadas de maneira diária, mensal, semestral ou anual, desde que toda a série seja representada com a mesma periodicidade (MORETTIN, 2011).

Ao se analisar uma série temporal referente a uma determinada variável de interesse, é possível identificar padrões não aleatórios. Examinar este e os demais comportamentos da série nos permite realizar previsões a fim de orientar a tomada de decisão (EHLERS, 2007).

Para alcançar o objetivo serão utilizados os modelos de séries temporais univariadas. Segundo Morettin e Tolo (2006), tais modelos se referem a aqueles em que os valores correntes de uma série de tempo são relacionados apenas com seus próprios valores passados ou com os valores correntes e passados dos resíduos da série temporal. Desse modo, neste estudo será utilizado o Modelo Auto-Regressivo Integrado de Médias Móveis (ARIMA). Assim, com a estimação destes modelos poderá ser identificado aquele que melhor se ajusta as séries de dados.

Os modelos ARIMA resultam da combinação de três componentes denominados “filtros”: o componente auto regressivo (AR), o filtro de integração (I) e o componente de médias móveis (MA). Uma série pode ser modelada pelos três filtros ou apenas um subconjunto deles (FAVA, 2000).

Será realizado o teste de estacionariedade da série por meio do teste de raiz unitária de Dickey-Fuller Aumentado - Elliot-Rothemberg-Stock (DF - GLS) para verificar

a estacionaridade da série e, posteriormente, seguir com as estimações (BUENO, 2011).

A aplicação de modelos ARIMA, segue um ciclo iterativo da metodologia Box e Jenkins que são: identificação, estimação, verificação e a previsão. O passo da identificação consiste em verificar qual entre as várias versões do modelo ARIMA melhor explica o comportamento da série de dados, ela é baseada nos comportamentos da função de autocorrelação (FAC) e função de autocorrelação parcial (FACP).

Portanto, para que o modelo ideal seja encontrado, a ordem do modelo será obtida por meio do pacote forecast do *software R*, que nos apresenta o melhor modelo para os dados utilizados, através do comando *auto.arima*, com o menor critério de informação, importante lembrar que quanto menor o critério de informação, melhor previsão o modelo terá. Os demais resultados serão obtidos pelo *Gretl*.

## 4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

O comportamento das séries temporais que apresenta as admissões tanto para homens quanto para mulheres dentro do período de janeiro de 2004 a dezembro de 2019, tem bastante influência do cenário da conjuntura política e econômica do país. Percebe-se na Figura 1 a tendência crescente de 2004 até 2014, onde apresenta leve queda e o comportamento se torna mais constante.

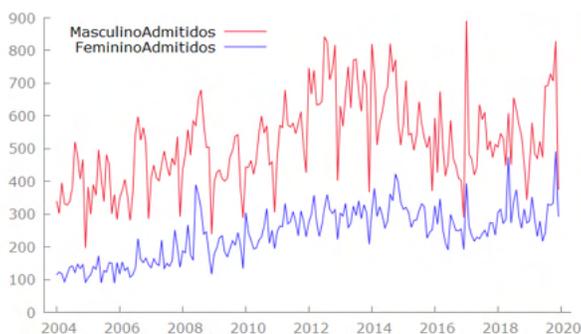


Figura 1 - Série temporal das admissões do sexo masculino e feminino, no período de 2004 a 2019, Santarém-PA.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Figura 2 que apresenta a movimentação de desligamentos tanto para homens quanto para mulheres se comporta de maneira similar ao gráfico para admissões, possuindo uma alta variabilidade dos dados, mantém tendência crescente até meados de 2014 e após isto se mantém em um movimento mais constante.

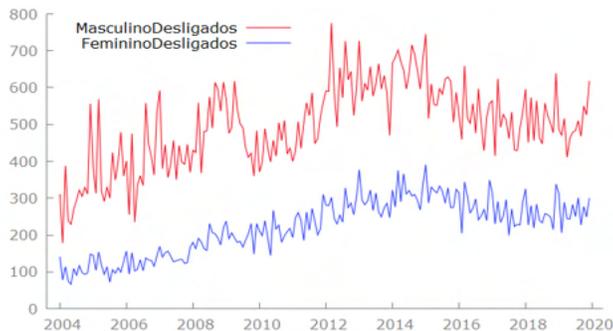


Figura 2 - Série temporal dos desligamentos do sexo masculino e feminino, no período de 2004 a 2019, Santarém-PA.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Figura 3 representa a série temporal da diferença do log das admissões para homens e mulheres. É possível verificar que ao longo do período analisado de 2004 a 2019, apesar de existir uma considerável variabilidade existente nos dados, sugere uma tendência a reduzir a diferença entre admissões de homens e mulheres para o mercado de trabalho formal no município de Santarém.

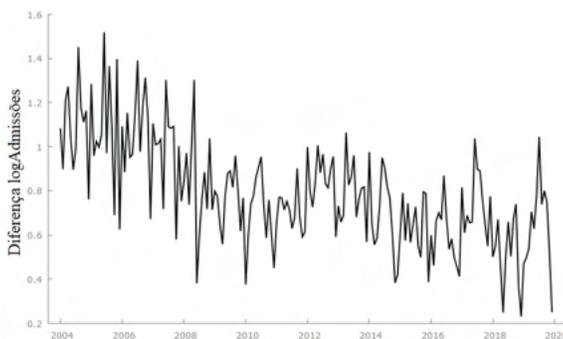


Figura 3 - Série temporal da diferença do log das admissões para homens e mulheres.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para construir um modelo ARIMA ( $p, d, q$ ) que possa prever comportamento dos dados, é necessário verificar a estacionariedade da série de dados por meio da obtenção do valor de diferenciação do modelo. Esta constatação pode ser vista na Tabela 1 e 2 ao se aplicar o teste de raiz unitária DF-GLS na série em nível e na primeira diferença.

| Teste em nível              | DF-GLS    |
|-----------------------------|-----------|
| Com constante               | 0.0891191 |
| Com constante e tendência   | -176.951  |
| Teste em primeira diferença |           |
| Com constante               | -14.62*   |
| Com constante e tendência   | -19.369*  |

\*Significativo a 1%.

Tabela 1 - Teste de raiz unitária em nível e na primeira diferença.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O teste na série em nível indica a presença de raiz unitária, devido a não rejeição da hipótese nula no teste DF-GLS. A série se torna estacionária aplicando uma diferença.

A ordem do modelo foi estimada pelo software R que determinou um ARIMA (0, 1, 1) que possui o menor valor para o Critério de Informação de Akaike, isto é, o modelo não possui termo autoregressivo, tem uma diferença e possui um termo do modelo de média móvel.

A estimação do modelo ARIMA é apresentada na Tabela 2. Neste modelo, o coeficiente estimado  $\theta_1$  foi significativo. De acordo com os resultados do teste de normalidade, teste ARCH e teste LM, os resíduos estimados são um ruído branco, isto é, possuem normalidade, homoscedasticidade e ausência de autocorrelação.

|             | Coef.   | Erro-padrão | Z      | P-valor      |
|-------------|---------|-------------|--------|--------------|
| Const.      | -0,0027 | 0,00139     | -1,972 | < 0,0487**   |
| $\theta_1$  | -0,9009 | 0,03921     | -22,98 | < 7.88e-117* |
| Normalidade | 2,736   | -           | -      | -            |
| LM          | 14,995  | -           | -      | -            |
| ARCH        | 16,868  | -           | -      | -            |

\*Significativo a 1%, \*\*significativo a 5%.

Tabela 2 - Resultado do modelo ARIMA (0,1,1).

Fonte: Elaborado pelos autores.

O passo seguinte é utilizar o modelo ARIMA (0, 1, 1) para estimar quando a diferença entre as admissões femininas e masculinas seriam iguais, como pode ser visto na Figura 4:

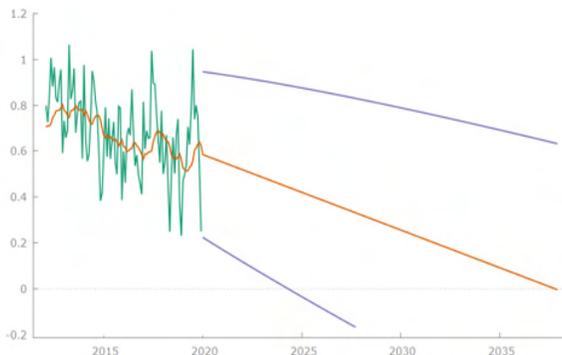


Figura 4 - Estimativa da diferença das admissões entre o sexo masculino e feminino.

Fonte: Elaborado pela própria autora (2021).

De acordo com a estimativa do modelo, a igualdade de gênero no mercado de trabalho ocorrerá, em média, no mês de novembro de 2037. Um cenário mais pessimista, utilizando o limite superior do intervalo de previsão, estima que somente em julho de 2065 a igualdade será uma realidade no mercado de trabalho formal santareno.

O Global Gender Gap Report é um relatório sobre igualdade de 2020 do Fórum Econômico Mundial, busca medir a diferença de participação no mercado de trabalho no mundo inteiro. A análise é baseada em uma metodologia que integra as últimas estatísticas realizadas por organizações internacionais e uma pesquisa de executivos. O relatório aponta que a equidade de gênero no ambiente de trabalho ainda é uma realidade distante. A área trabalhista foi a única a apresentar retrocessos e o estudo estimou em 2020 que seriam necessários aproximadamente 250 anos para que haja igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Em um cenário mais promissor, caso haja maiores taxas de desenvolvimento, na melhor das hipóteses, esse número baixa para 94,5 anos (WORLD ECONOMIC FORUM, 2020).

É importante analisar que o relatório do Fórum Mundial de Economia de 2020 faz sua pesquisa em nível mundial, portanto, leva em consideração a realidade de países onde o mercado de trabalho difere da realidade do mercado de trabalho brasileiro. Em termos sociais, vale ressaltar que em alguns países as mulheres ainda não possuem direitos plenos estabelecidos quanto aos locais em que se pode trabalhar ou direitos básicos como uma educação completa.

O relatório do Banco Mundial de 2018, intitulado “Mulheres, Empresas e Direito” mostrou que cerca de 2,7 bilhões de mulheres enfrentam pelo menos um tipo de restrição legal baseada em gênero. O relatório apresenta ainda que em Madagascar, as mulheres são autorizadas a trabalhar apenas em estabelecimentos familiares, ou seja, são proibidas de trabalhar no período da noite e em profissões que tenham que lidar com literatura ou outros objetos que possam ser considerados imorais para aquela dinâmica social. Esta realidade

se estende a países da América Latina também, como na Argentina, onde mulheres não podem trabalhar na produção de licores ou destilação de álcool (BANCO MUNDIAL, 2018). De maneira geral, o modelo estimado para a convergência das admissões femininas e masculinas no mercado de trabalho santareno traz uma ótica positiva em relação ao cenário mundial.

Ao se comparar a estimativa mais pessimista desta pesquisa com o a estimativa média realizada no relatório do Fórum Econômico Mundial, tem-se ainda vantagem de aproximadamente 204 anos.

## 5 | CONCLUSÃO

No intuito de investigar a possibilidade da convergência para igualdade de gênero na participação do mercado de trabalho formal santareno, verificou-se que a tendência do mercado de trabalho formal santareno é reduzir ainda mais a diferença de inserção entre homens e mulheres, chegando a um cenário ideal de igualdade nas admissões.

Após estimativa do modelo, o resultado obtido concluiu que no ano de 2037, no mês de novembro, a diferença de admissões entre homens e mulheres será 0, ou seja, nos permite dizer que homens e mulheres serão admitidos de maneira igualitária, tendo portanto, um número equivalente de inserção no mercado de trabalho de trabalho formal de Santarém. Tendo em vista os resultados obtidos pelo relatório do Fórum Mundial de Economia, que estimou aproximadamente 250 anos para que exista igualdade de gênero em postos de trabalho, entende-se que este trabalho apresenta uma possível vantagem do município santareno e possa servir de base para potenciais políticas públicas que trabalhem no intuito de fomentar a presença de mulheres na atividade econômica de maneira que a presença da mulher no mercado de trabalho formal do município seja cada vez maior e de melhor qualidade.

Neste trabalho, é possível perceber que, apesar de ter obtido resultados satisfatórios, uma lacuna ficou aberta; o mercado de trabalho é dinâmico e amplo, limitar-se ao mercado de trabalho formal acaba por limitar o âmbito da pesquisa, visto que o mercado de trabalho informal também movimenta a economia e tem em seu escopo mulheres, mães que precisam sustentar suas famílias, mulheres chefes de família, trabalhadoras autônomas.

Nessa perspectiva, entende-se que trabalhos futuros que possam ampliar o campo de pesquisa para abranger outros tipos de mercado de trabalho, como mercado informal, a produção rural e, ampliar também a área de estudo, trazendo uma ótica macro de todo o estado, por exemplo, venham a contribuir com este campo de pesquisa preenchendo possíveis carências na literatura atual.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007 (Coleção Primeiros Passos).

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda; COSTA, Joana Simões de Melo. **Oferta de creche e participação das mulheres no mercado de trabalho do Brasil**. Boletim Mercado de Trabalho. (Conjuntura e Análise nº 62). 2017.

BUENO, R. L. S. **Econometria de séries temporais**. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 320p.

BRANDT, Barbara. **Whole life economics: revaluing daily life**. Philadelphia: New Society Publishers, 1995.

CADERNOS, De Formação. **Mulheres: mundo do trabalho e autonomia econômica**. São Paulo, 2017.

COSTA, J. S. M. **Determinantes da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro**. 2007. Tese (Mestrado em Economia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CUNHA, Marina Silva; VASCONCELOS, Marcos Roberto. **Fecundidade e participação no mercado de trabalho brasileiro**. Nova Economia, v.26 n.1 p.179-206 2016.

EHLERS, R. S. **Análise de séries temporais**. In: Notas de aula de séries temporais. São Paulo: USP, 2007. Disponível em: <http://www.each.usp.br/rvicente/AnaliseDeSeriesTemporais.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. **Revista de Economia Política**, vol. 38, nº 3 (152), pp. 559-583, julho-setembro/2018.

HOBSBAWM, E. J. **A Era das Revoluções 1789-1848**. 18 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

LEONE, Eugenia. **Participação das mulheres na atividade econômica em contextos de crescimento econômico e de recessão**. XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Poços de Calda/MG. 2018.

KON, Anita. Mercado de trabalho, assimetrias de gênero e políticas públicas: considerações teóricas. **RP3-Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, n. 02, p. 33-58, 2013

MATOS, R. S.; MACHADO, A. F.; **Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001)**, Revista Econômica, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 5-27, jun. 2006.

MEDEIROS, Kagila Irene Silva de; SOUZA, Jose Antonio Nunes de; COSTA, Fagner Moura da; FERREIRA, Francisco Danilo da Silva; SILVA, Ricardo Vitor Fernandes da. **Determinantes da participação feminina no mercado de trabalho do rio grande do norte**. Estudo & Debate, Lajeado, v. 27, n. 1, p. 65-82, 2020.

MONTEIRO, K. Farias. ; GRUBBA, L. S. (2017). **A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo**: de sufragettes às sufragistas. Direito E Desenvolvimento, 8(2), 261-278.

MORETTIN, Pedro A. **Econometria Financeira**: Um curso em séries temporais financeiras. São Paulo: Bucher, 2011.

MORETTIN, P. A.; TOLÓI, C. M. C. **Análise de séries temporais** (2ed.). São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

RAMOS, Lauro; AGUAS, Marina Ferreira Fortes; FURTADO, Luana Moreira de Souza. Participação Feminina na Força de Trabalho Metropolitano: O Papel do Status Socioeconômico das Famílias. **Economia Aplicada**, v. 15, n. 4, 2011, pp. 595-611.

ROCHA, Claudine Rodembush; KESKE, Henrique Alexander Grazzi. A importância da luta dos movimentos feministas no desenvolvimento da tipificação do feminicídio e na busca por igualdade entre os gêneros. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito** | e-ISSN: 2525-9849 | Salvador | v. 4 | n. 1 | p. 80 – 98 | Jan/Jun. 2018.

SANTOS, Bruna Martins dos; ALVES, Josilene Santos. **A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho**: Comparação entre Ontem e Hoje. 2016.

SOARES, Sergei; IZAKI, Rejane Sayuri. **A participação feminina no mercado de trabalho**. Texto para discussão n° 923. Rio de Janeiro, 2002.

SOARES, Vera. **Movimento Feminista**: Paradigmas e desafios. Estudos Feministas, p. 11-24, 1994.

SOUZA, Elisângela Souza e SANTOS, Sylvania Pereira Dos. **Mulheres no Mercado de Trabalho**: Um estudo com estudantes universitários de uma faculdade particular de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.faceq.edu.br/efaceq/downloads/numero03/3-mulheres-no-mercado-de-trabalho-um-estudo-de-caso.pdf>. Acesso em: 12. abr 2020.

THE WORLD BANK GROUP. **Women, Business and the Law 2018**. Washington D.C. Disponível em: Women, Business and the Law 2018 Report Launch ([worldbank.org](http://worldbank.org)). Acesso em 25 jan 2021.

WORLD ECONOMIC FORUM. (2018). **The global gender gap report 2018**. Cologny: World Economic Forum. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/the-global-gender-gap-report-2020>. Acesso em 15 fev 2021.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

**JOAQUIM DOS SANTOS** - Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA) e do Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória (URCA/UFRJ). Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2017). Bolsista de Pós-doutorado Júnior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) junto à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É líder do Núcleo de História Oral, Tradições e Diversidades - NHISTAL (URCA/CNPq) e pesquisador dos Grupos: Imagens da Morte - a morte e o morrer no mundo Ibero-americano (UNIRIO/CNPq) e NECAGE - Núcleo de Estudos Comparados em Corporeidade, Alteridade, Ancestralidade, Gênero e Gerações (UFCA/CNPq). Membro do Laboratório de Pesquisas em História Cultural (LAPEHC/URCA). Desenvolve estudos com ênfase em: Gênero e sexualidade; História da morte; Formação de professores; Educação patrimonial; Memória e religiosidade. Tem experiência no ensino de história na educação básica; Organização, gestão e ação educativa em museus; Formação inicial e continuada de professores; Organizações Não Governamentais em defesa do patrimônio cultural.

**JESSICA CORREIA DUARTE** - Nuvens é Professora de História do Ensino Básico na rede pública de ensino do município de Santana do Cariri/CE. Mestre em Ensino de História pelo Mestrado profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Regional do Cariri (URCA/UFRJ). Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Concluiu especialização em Psicopedagogia Educacional pela Universidade Integrada de Patos. Atualmente atua como pesquisadora nas áreas de História das mulheres e relações de gênero. É autora da dissertação *O Combate à Violência de Gênero na Escola: Propostas para o Ensino de História*, defendida em 2020. Autora de artigos e capítulos de livros dedicados aos estudos de gênero, feminismo e violência contra as mulheres.

**ANTONIO CARLOS DIAS DE OLIVEIRA** - Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Membro do Núcleo de História Oral, Tradições e Diversidades – NHISTAL(URCA/CNPq). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) junto à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) na pesquisa intitulada *O Ensino de História e a Educação das Relações Étnico-Raciais no Cariri Cearense*. Foi bolsista PIBIC no projeto de pesquisa *Gênero e Sexualidade no Ensino de História: narrativas de professores e estudantes LGBTs*. Foi bolsista PIBIC no projeto de pesquisa *Ceará Negro: afrodescendência e africanidades nas publicações do IMOPEC*. Foi voluntário no projeto de extensão *GENXES - Oficinas de História Gênero e Sexualidades*. Atuou como membro voluntário em organizações não governamentais como é o caso do Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC). Co-fundador do Projeto Oliveira's, que tem se estruturado enquanto uma oficina colaborativa de produção de áudios e vídeo e que se propõe a trabalhar com juventudes negras e LGBTs do Barro Branco/ Bairro Nossa Senhora de Fátima, na cidade do Crato/CE. Atualmente desenvolve pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso de História problematizando masculinidades na região do Cariri

cearense contemporâneo. Tem se dedicado aos estudos sobre gênero, raça e sexualidade, bem como sobre linguagens, cultura(s) e desenvolvimento social

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abuso sexual 11, 53, 58, 59, 60, 61, 63, 117, 146

Acesso à justiça 15

Adolescência 107, 109, 125, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152

Adolescente 53, 132, 133, 134, 136, 138, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152

Afrodscendente 103, 108, 113, 114

Agressores masculinos 26, 30

Ansiedade 58, 116, 117, 125, 126, 127, 130, 131

Arima 164, 169, 170, 171, 172

### B

Bonecas da moda 64

### C

Castidade 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Conselhos de saúde 42, 44, 45, 50, 51

Contrato social 1, 5, 6, 7, 13, 118

Criança 50, 53, 55, 58, 59, 64, 73, 75, 82, 120, 144, 145, 151

### D

Desigualdades de gênero 1, 46

Direito internacional 42, 51

### E

Empoderamento feminino 64, 65

Experiências 18, 22, 23, 24, 30, 34, 51, 66, 68, 69, 70, 96, 103, 104, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 123, 129, 143, 144, 148

### F

Fallon fox 154, 156, 157, 158, 159, 161, 162

Feminismos 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25

### G

Género 10, 11, 12, 13, 14, 25, 28, 29, 37, 40, 41, 46, 48, 49, 52, 95, 98, 102, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Gênero 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32,

33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 57, 59, 60, 61, 63, 72, 75, 77, 79, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 114, 116, 117, 118, 120, 121, 128, 130, 131, 143, 146, 147, 152, 156, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178

Grupos de estudo 103, 104

Grupos de intervenção 26, 31

## I

Igualdade de gênero 45, 48, 49, 75, 87, 98, 164, 165, 166, 169, 173, 174

Importunação sexual 15, 16, 18, 19, 20, 25

Intervenção psicológica 26, 32

## L

Lugar esportivo 154, 158

Lugar social 2, 3, 154, 158

## M

Masculinidade 26, 27, 28, 29, 30, 34, 38, 99, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 155, 159, 160, 161, 163

México 26, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 48, 52, 141, 142

Morte trágica 78

Mulheres 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 63, 64, 65, 70, 72, 74, 75, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 87, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 128, 129, 131, 147, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177

## P

Participação popular 42, 167

Paternidade adolescente 132, 133, 134, 136, 140

Pertencimento racial 103, 104, 105

Pessoas Transgênero 154

Planos Municipais de Educação (PME) 90

Políticas públicas 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 59, 61, 82, 113, 119, 132, 133, 138, 142, 147, 174, 175

Promoção da saúde 143, 151

## R

Representações femininas 1

Representações negras 64

## **S**

Santarém 164, 166, 169, 170, 171, 174

Santidade 78, 80, 83, 85, 86, 87

Saúde da mulher 42, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 149

Semiárido 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Semiótica 64, 66

Sexualidade 8, 12, 18, 30, 41, 51, 84, 85, 87, 88, 90, 95, 99, 116, 119, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 163, 176, 177, 178

Sufrimento 17, 31, 79, 80, 83, 116, 117, 120, 125, 126, 127, 129

## **T**

Teorias da justiça 1

Trabalho formal 164, 166, 169, 171, 173, 174

## **V**

Violência doméstica 11, 16, 17, 20, 26, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 38, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 79, 88

Violência masculina 26, 33, 39

# Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais e práticas educativas



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais  
e práticas educativas



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021